

BOTANDO FOGO EM NOME DE DEUS: A LUTA PELO DOMÍNIO DO CAMPO RELIGOSO NO RECIFE, NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Evily Lima Menezes[1]
Luiz Carlos Luz Marques[2]

Resumo
A pesquisa em andamento, tem como objetivo examinar os embates ocorridos na inserção do protestantismo na capital pernambucana, nas denúncias, cartas, artigos e relatos de perseguição publicados nos periódicos. Neste momento, especificamente, faremos um recorte temporal entre 1902 a 1903 e a analisaremos os periódicos *A Província*: *Órgão do Partido Liberal*, *Jornal de Recife* e *Diário de Pernambuco*. Analisando a partir da metodologia da historiadora Tânia Regina de Luca e da perspectiva teórica do sociólogo Pierre Bourdieu para identificação da luta pelo *campo* religioso recifense e dos *habitus* dos agentes do conflito. Nestes relatos, identifica-se os principais personagens dos conflitos religiosos, destacando-se o Frei Capuchinho Celestino de Pedavoli, publicador de diversas cartas e artigos nos jornais (com temática, em sua maioria, sobre o mal da dita "nova seita") e fundador da Liga Anti protestantismo (1902) que realizou a queima de cerca de 200 bíblias protestantes no adro da Igreja da Penha em 1903. Também o Missionário Pastor Salomão Luiz Ginsburg, da Igreja Batista, que igualmente publica numerosas cartas nos periódicos, atacando a doutrina católica, seja direta ou indiretamente, em defesa de sua confissão de fé. Ambos os agentes têm como propósito conquistar o público leitor e estabelecer sua doutrina.

Palavras-chave: Catolicismo. Protestantismo. Conflitos religiosos.

Introdução

O protestantismo chega no Brasil em duas fases. A primeira fase, nomeada de evangelismo de invasão, é ainda no tempo da colonização, com os Huguenotes na Guanabara no século XVI (1557-1558) e com os holandeses no século XVII (1630-1654), entretanto não se conseguiu a fixação e perpetuação após a saída destes. De acordo com Boanerges o evangelismo de invasão fez-se associar

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista do PIBIC-CNPq. E-mail: evilylimamenezes@gmail.com.
[2] Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0026868525664989. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



protestante como invasor, ele afirma que “O último huguenote foi enforcado no Rio de Janeiro, em 1567; quanto aos holandeses, seus pastores embarcaram de volta, sem deixarem no país uma igreja reformada, e os sinais de sua catequese indígena desapareceram’’ (BOANERGES, 1973, pág. 15). A segunda fase é apenas em meados do Brasil Império, com a chega do protestante congregacional Dr. Robert R. Kalley, fundador da primeira igreja protestante brasileira, a Igreja Evangélica Fluminense, em 1858. Vale destacar que houve sim presença protestante entre a primeira fase e a segunda, todavia esses protestantes não tinham o intuito de evangelizar os brasileiros, as igrejas fundadas e os cultos realizados eram para o próprio ciclo social de estrangeiros que aqui estavam morando e praticando sua religião na sua língua nativa. Um dos membros da Igreja Evangélica Fluminense, o diácono Manoel José da Silva Vianna, vem para o Recife e funda a Igreja Evangélica Pernambucana em 1873. Inicia-se aí a inserção do protestantismo, de fato, no estado de Pernambuco. Ainda no século XIX, é instaurada na capital pernambucana a Igreja Presbiteriana do Recife (1878) e a Primeira Igreja Batista do Recife (1886), sendo a última fundada pelo Pastor missionário Salomão Luiz Ginsburg, nome de destaque nos futuros embates entre a estabelecida Igreja Católica e os "calouros" protestantes.

A chegada do século XX, no Brasil, é recebida com grandes mudanças, fruto de alterações do fim do século passado. O Recife, obviamente, também passara por estas mudanças, assim como também transformações na estética da cidade. Notícias do presidente da república, notas de falecimento, avisos de horários para consulta médica, liga contra tuberculose, publicidades xilogravadas dos comércios locais, notícias do Jockey Club, anúncios de motores econômicos movidos a gás, petróleo ou álcool, do Café Java, das “Pílulas Rosadas do Dr. Willians” para pessoas pálidas, eram mescladas com as trocas de cartas entre católicos e protestantes, nos jornais recifenses. Desde o fim do século XIX já ocorria essas trocas de cartas nos periódicos, contudo ganha-se outro patamar quando, no ano de 1902 é criada a Liga Anti-protestante.

Uma liga contra o protestantismo



A criação da Liga Anti-protestante (ou também encontrada como Liga Anti Protestantismo) fora sugerida no Congresso Católico no mês de junho de 1902. Tal sugestão fora anunciada no periódico *Jornal de Recife* do dia 26 de junho que dizia:

> Em seguida concedeu a palavra o revdm. Frei Celestino de Pedavoli que tomando por thema <O protestantismo> falou durante 90 minutos, terminando por apresentar uma proposta cujo o fim é a creação duma liga contra o protestantismo, a qual foi unanimemente aprovada[3].

O reverendo citado, o idealizador da Liga, era o responsável pela Igreja Basílica da Penha. Nascido na Itália, em 8 de maio de 1841, o Frei Capuchinho Celestino de Pedavoli, veio para o Brasil depois de ser ordenado presbítero em 12 de março de 1864. Chegou no Rio de Janeiro em 16 de julho de 1871, e em Pernambuco em 1876. O Jornal de Recife, ao anunciar seu falecimento em 31 de agosto de 1910, relata que "era Frei Celestino orador e polemista, tendo sustentado mais de uma vez discussão pela imprensa sobre assumptos religiosos", isso porque as discussões do Frei com os protestantes ocorreram desde o século XIX, quando publicou, em 1879, o panfleto *Perguntas respeitosas dirigidas ao sr. ministro da igreja evangélica*, em que fazia falar um neófito protestante que, cheio de dúvidas sobre sua salvação, teria feito uma série de perguntas ao seu pastor, e por tamanhas dúvidas convertera-se (ou regressara) ao catolicismo. Esse neófito afirmava ter sido pago para se converter ao protestantismo e essa perspectiva de pagamento para conversão não se restringiu a esse caso.

Sobre isso Émile Léonard afirma que:

> Dizia-se também que as conversões a protestantismo eram feitas a peso de dinheiro: vinte cruzeiros para um branco, quinze para um mulato e dez para um negro (coisa semelhante aconteceu na província francesa de Auverge, em fins do século XIX, em que se dizia que um evangelista presenteava um guarda-chuva a cada convertido). Mas era preciso não esquecer que o dinheiro dos protestantes lhes era enviado pelo diabo e se transformava em carvão nas mãos de quem o aceitasse" (2002, pág. 120)[4].

[3] Para todas as citações de revistas e jornais, mantivemos o português do início do Séc. XX.
[4] Seria preciso aprofundar o porquê Leonard usa a expressão "Cruzeiro", quando essa unidade monetária só surgiu em 1942. Seja para os "Mil réis", seja para "Cruzeiros", seria importante verificar qual o poder de compra, na época, desses valores, o que não fizemos ainda.



Esse texto, originalmente de autor anônimo, torna-se livro e chega ter mais de uma edição. É publicado em vários pontos do Brasil e até fora dele, como em Portugal e na França. Apenas em 8 de outubro de 1902, no jornal *A Província*, através de uma carta intitulada "Frei Celestino a um crente evangélico", o Frei assume a autoria do livro.

A Liga tinha como intuito combater a religião protestante, instruir o povo a respeito da realidade da religião protestante mostrando os erros da mesma desde a sua criação e manter a verdadeira religião, a católica romana, combatendo esse mal que assolara a cidade. A criação da Liga é anunciada nos periódicos *A província: órgão do partido liberal* e *Diário de Pernambuco* nos dias 24 e 27 de setembro de 1902, respectivamente. No dia 28 do mesmo mês é criada a Liga Anti-protestantismo. Quem quisesse participar da Liga necessitava deixar assegurado um valor de uma "joia"[5] equivalente a cinco mil réis e pagar uma anualidade de dois mil réis.

No dia de sua criação inicia-se sua atuação no jornal *A província* através da *Columna Religiosa* que fica sobre o poderio da liga até o dia 17 de outubro desse mesmo ano, sendo a partir daí controlada por "responsabilidade de uma associação religiosa". Nessa coluna os integrantes da liga, e principalmente o Frei Celestino publicavam. Havia uma sub-coluna nomeada *Combate ao protestantismo* onde se eram tratados assuntos que mostravam as incoerências e heresias da nova seita.

Os protestantes também reagem e começam a publicar, eles não têm uma coluna exclusiva deles, mas vê-se grande influência protestante na coluna religiosa do *Jornal de Recife* nomeada *Questão Religiosa*, nessa coluna há uma "sub-coluna" nomeada *A questão evangélica* onde o Missionário Ginsburg publica. Vemos presença protestante também no *Diário de Pernambuco.* De acordo com o gráfico abaixo vê-se que nos últimos meses de 1902 (desde a criação da Liga Anti-protestante até o fim do ano) há uma exclusividade de publicações Católicas no jornal *A província* e predominância de publicações protestantes no *Jornal de Recife*.

[5] No sentido, segundo o Dicionário Aurélio, de "quantia ou taxa, paga no ato de admissão ao quadro de sócios de associações, clubes etc.".



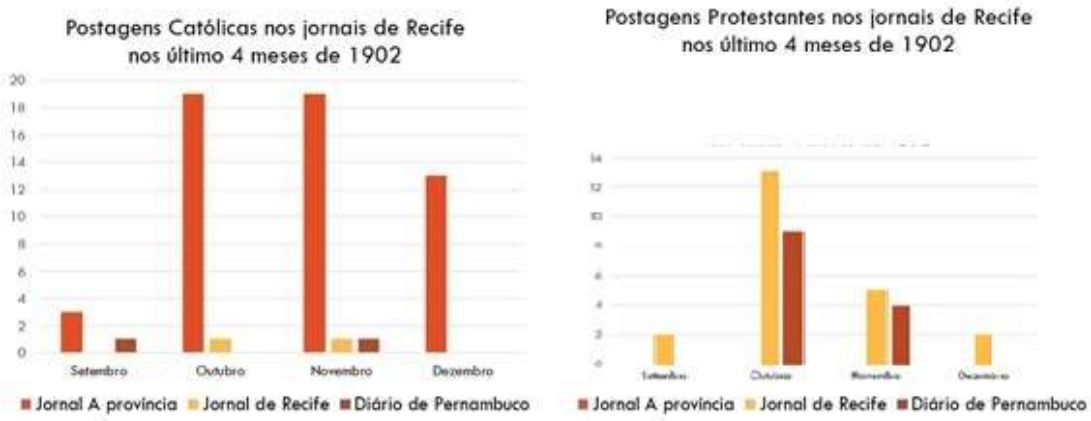


Figura 1: *Gráfico de publicações nos periódicos no último quatro meses de 1902. Fontes: A província: [1] Órgão do Partido liberal (Setembro-dezembro de 1902); [2] Jornal de Recife (Setembro-dezembro de 1902); [3] Diário de Pernambuco (Setembro-dezembro de 2002).*

Outro fator a ser notado é que há mais publicadores protestantes do que católicos. Vale ressaltar que isso não implica que há mais publicações protestantes que católicos, as leituras dos quatro últimos meses de 1902 mostram que há mais publicação católica que protestante, como vê-se no primeiro gráfico.

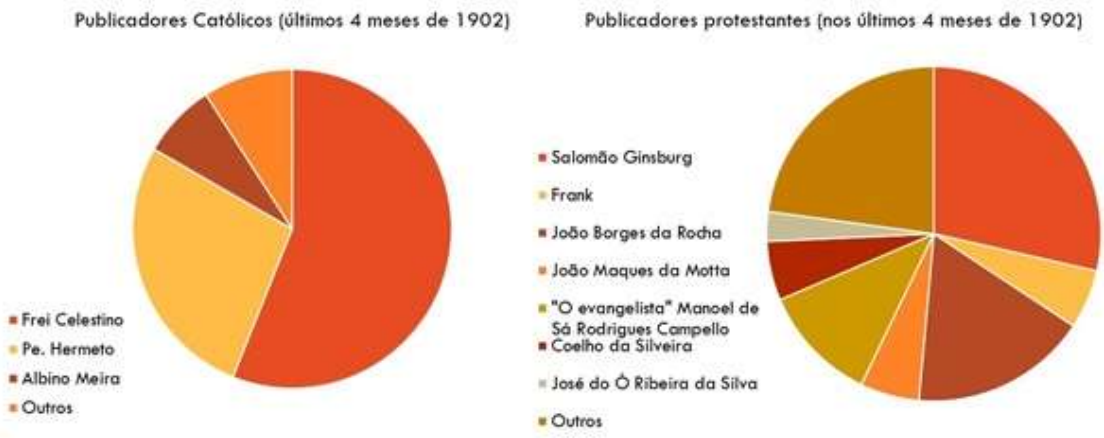


Figura 2: Gráfico de tipos de publicadores no último quatro meses de 1902. Fontes: A província: [1] Órgão do Partido liberal (Setembro-dezembro de 1902) [2] Jornal de Recife (Setembro-dezembro de 1902) [3] Diário de Pernambuco (Setembro-dezembro de 1902)

Apesar de haver mais diversidade de publicadores protestante vê-se uma predominância batista. Salomão Ginsburg, Frank (há poucas informações sobre esse missionário, só se pode descobrir sua denominação porque o Frei Celestino o aponta como batista em uma de suas cartas, mas apesar de pesquisas sobre ele não foi achado seu sobrenome nem se esse é o real nome dele, a única informação tida nos jornais é que ele é batista e estadunidense). João Borges da Rocha, José



Coelho da Silveira também são batistas. A presença presbiteriana só é vista com o Pastor João Marques da Mota Sobrinho, e não é percebida a presença dos congregacionais, pelo menos não nesse início de pesquisa. Há outro fator que complica é a identificação da denominação: muitos protestantes usam pseudônimos como *o puritano, o evangelista, o protestante*, *os nova seita,* entre outros. Há casos onde eles se revelam, como o *evangelista*, que depois se nomeia como Manoel de Sá Rodrigues Campello, mas que não relata sua denominação, assim também é o caso de José do Ó Ribeiro.

Havia basicamente três tipos de publicações, publicações de carta, de artigos e de denúncias. Publicações de cartas são produções destinadas há uma pessoa ou a um grupo restrito, nela será tratado um assunto e levantadas questionamentos diretamente a pessoa ou ao grupo. Os católicos entre setembro a dezembro de 1902 publicaram cerca de 30 cartas aos protestantes. Celestino foi o católico que mais fez o uso desse tipo de publicação, ele produziu oito cartas ao batista Frank nomeada de “Carta aberta”, nove cartas ao batista Ginsburg sendo quatro nomeadas de “Carta aberta” e cinco nomeada de “Salomão e a Infalibilidade”, seis cartas ao presbiteriano Motta Sobrinho nomeadas de “Quem sois vós?”.

Os protestantes também fizeram uso deste tipo de publicação, sua grande maioria destinada ao Frei Celestino. Publicações de artigos tratam de um tema específico, mas não é direcionado a alguém em exclusivo, mas para os leitores em geral. O objetivo do artigo é defender sua perspectiva sobre o assunto. Temas recorrentes em ambos dos grupos foram: a virgindade perpétua de Maria, a bíblia protestante, a pluralidade das denominações protestantes, as contradições (ou coerências) dos papas, salvação e entre outros assuntos.



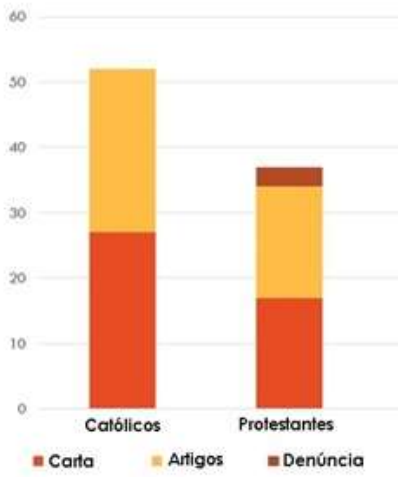


***Figura 3**: Gráfico de tipos de publicação no último quatro meses de 1902. Fontes: A província: [1] Órgão do Partido liberal (Setembro-dezembro de 1902) [2] Jornal de Recife (Setembro-dezembro de 1902) [3] Diário de Pernambuco (Setembro-dezembro de 1902)*

Como nota-se neste terceiro gráfico, os protestantes possuem um tipo de produção que os católicos não possuem, que é a publicação de denúncias. Apesar de ser em pequeno número nestes quatro últimos meses é existente a reclamações de "selvageria" que ocorriam. O *Jornal de Recife* do dia 18 de novembro de 1902 traz:

> Hontem, as 7 horas da noite, na ocasião em que funccionava o culto evangelico, no templo protestante á rua Marquez do Herval, um numeroso grupo de garôtos vaiava os sectarios dessa seita, perturbando-os em suas orações. Não estando a policia, alguns populares tiveram a feliz idéa de dispersar o pernicioso grupo, evitando assim um desrespeito a uma religião que deve ser acatada como outra qualquer. Covem que a policia providencie de modo a evitar a continuação de semelhante atentado á liberdade de crenças que aliás é assegurada pelas nossas instituições.

No dia 26 de outubro e 06 de novembro o *Diário de Pernambuco* relatou o abaixo assinado que os protestantes estavam fazendo contra o frei Celestino de Pedavoli, acusando-o de estar tomando atitudes contra os que professavam a dita Nova Seita. Não se é encontrado denúncias dos católicos contra os protestantes.

É preciso analisar que a periodicidade, o assunto, o publicador das publicações revelam a perspectiva do início do século XX de distintos grupos. A historiadora Tânia Regina de Luca aborda: historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo



que se dispunha, do que foi escolhido e o por quê" (LUCA, 2005, p.132), os periódicos não eram imparciais, como foi visto *A Província* não divulgava textos protestantes e o número de texto católicos no *Jornal de Recife* é mínimo. Os embates da inclusão de um novo tipo de religião foi manifesto além das cartas e artigos escritos pelos precursores e adversários da religião, os próprios periódicos manifestaram essas lutas através de perspectivas políticas. Todo esse cenário demonstrava uma disputa de *campo*, entre velhos (católicos) e novos (protestantes) atores sociais, justificadas por diferentes *habitus* religiosos, mas no fundo ligadas à manutenção ou conquista da hegemonia política e/ou econômica.

Uma queima de bíblias falsas/protestantes

A troca de cartas e artigos perpetua-se com a chegada de 1903. Tudo seguia com a normalidade do embate teórico. Em uma publicação da *Columna religiosa* do jornal *A Província* do dia 20 de fevereiro nomeada de a *Amarga decepção salomonica*, Frei Celestino marca uma queima de bíblias falsas (as bíblia protestante), cerca de duzentas às oito horas do dia 22 fevereiro, então domingo de carnaval, de 1903. Essas bíblias eram dos fiéis católicos que tinham recebido, de forma geral, do missionário Ginsburg. Os missionários protestantes se empenharam na distribuição e venda das bíblias. O valor da bíblia protestante era mais baixo que o da católica, o que atraiu a população. De acordo com Celestino, os fiéis depois se cansaram de ler e entregaram as bíblias aos capuchinhos da Igreja da Penha. Celestino convida também os "Nova seita" a prestigiarem o evento. A queima ocorreu as dez horas no adro da Igreja da Penha, um ato de grande publicidade tendo em vista a grande mobilização de pessoas no bairro de São José.





***Figura 4**: Basílica da Penha, período não identificado, provavelmente, após 1910 pelos veículos motores. Fonte: 5º SR/IPHAN*

No mesmo dia do ocorrido o Salomão Ginsburg convoca a igreja para orar no mesmo horário que estava previsto para a queima. Durante a semana do acontecimento os protestantes se manifestaram contra tal ato. Um protestante nomeado *Um christão* escreve uma carta direcionada ao Frei Celestino e declara no final da mesma "que o diabo vos ampare e que Deus vos castigue"[6] . Durante toda semana é abordado sobre o ocorrido, e as queixas não se detêm a apenas os protestantes, um fiel católico anônimo escreve:

> A nós é indiferente que o sr. Salomão Ginsburg seja ou não feliz na sua propaganda religiosa, pouco nos preocupa com assumptos em que cada um é juiz de si proprio, escolhendo livremente a religião capaz de assegurar-lhe a salvação. Mas se assim pensamos, se mesmo entendems que s. s. vae caminho errado, nem por isso podemos concordar com a queima de Bíblias protestantes, realisada por frei Celesitino de Pedavoli, na egreja da Penha no domingo de Carnaval. [...] Não se comprehende mesmo como o intransigente frade, arguto como é, tivesse praticado um acto tão reprovado, escandalisando mesmo catholicos fervente[7].

Na Coluna *A* semana do *Jornal do* Recife do dia 01 de março de 1903, o autor O.M de religião não declarada (mas subentendesse ser católico) coloca em cheque a questão da intolerância ele cita: "É esta uma questão de foro intimo, de consciencia, e eu penso que cada um para ser respeitado o seu modo de pensar

[6] UM CHRISTÃO. "A frei Celestino". *Jornal de Recife.* Recife, n.43, 22/02/1903, ano XLVI, p.2
[7] "Censuravel". *Jornal de Recife.* Recife, n.46, 27/02/1903, ano XLVI, p.1



deve acatar de modo absoluto o do adversário.”. Após uma semana da queima Celestino fala sobre o assunto através do jornal *A Província*.

Vale ressaltar que a queima de bíblia não foi uma fato sem um fundamento antecipado, os católicos em seus artigos falavam corriqueiramente sobre as blíblias falsas dos protestantes, Micheline Reunax de Vasconcelos afirma que:

> Estas não eram consideradas exemplares do livro sagrado do cristianismo. mas uma obra protestante, *falsificada, truncada* e *adulterada*, sendo sua leitura proibida. [...] A referência constate pela prédica oficial católica à ‘adulteração’ sofrida pela Bíblia nas mãos dos protestantes diz respeito à ausência dos sete livros do Velho Testamento, considerado apócrifos pelos protestantes: *Baruc,* dois livros de *Macabeus, Judite, Tobias, Eclesiásticos* e *Sabedoria*” (2005, pág 57-58).

O próprio Salomão afirmava que a bíblia não era falsa por ser tradução do pe. Antonio Pereira de Figueiredo, isso porque o sr. Soares Quintas conseguiu salvar uma das bíblias no dia da queima. Salomão afirma que “O que o frade da Penha queimou, pois foi a Bíblia verdadeira. Sacrilégio! Perverso![8].

Apesar da má repercussão da queima do dia 22 de fevereiro, Celestino marca uma nova queima de bíblias em comemoração a um ano da Liga anti protestante no dia 27 de setembro de 1903. O anúncio fora feito no dia dois de setembro, onde foi relatado a programação do aniversário:

> Estará numa mesa, collocado debaixo dum majestoso zimbório da mesma egreja, exposto á vista de todos, um numero consideravel de biblias falsificadas, de livros, folhetos e folhas, civados de crassos erros e revoltantes heresisas protestantes, que foram espontaneamente entregues áquelles reverendos missionários capuchinhos por muitos catholicos a quem os ministros e pastores dessa *nova seita* os venderam dolosamente ou ofertaram de graça como verdadeira palavra do Deus! ...., e que já são destinados ás chamas[9].

Todavia, apesar de ser marcada uma queima ao público, como fora a primeira, isso não ocorreu. Edson Douglas aborda que “‘Sua excelência não ia

[8] GINSBURG. “Biblias queimadas”. *Jornal de Recife*. Recife, n.49, 03/03/1903, ano XLVI, p.2

[9] CELESTINO. “Aniversário da Liga Anti-Protestante” *A Província.* Recife, n.211, 02/09/1903, ano XXVI, p.5



queimar as bíblias na cozinha da Penha; ia queimá-las na praça pública, e naturalmente, não pensa mais em tal, porque as enérgicas e honradas autoridades do Estado não o consentirão'" (2017, p.119). Isso porque houve-se meios de reprimir tal ato, a segunda queima foi avisada com mais antecedência o que deu a chance dos protestantes se prepararem melhor. Douglas explana que "A imprensa assomou ao coro e os velhos liberais anticlericais voltaram a dar as caras [...] políticos e até o presidente da república e o ministro da justiça, foi possível impedir que a queima de bíblias continuasse" (2017, p.119). O apoio do Estado e principalmente do deputado pelo Rio Grande do Sul, Germano Hasslocher, que protestou contra queima afirmando ser um atentado a constituição. Todos esses fatores fizeram que o grande evento fosse abafado, e a queima pública se torna-se queima de quintal.

O *Jornal de Recife*, dia 25 de outubro de 1903 publicou um artigo de uma pessoa nomeada de C.A., que tinha por título "Inquisição de Quintal". Vários artigos foram escritos em repúdio a esse segundo evento, o *Jornal de Recife*, do dia 01 de outubro de 1903 publicou um artigo de Pedro D'Able que era intitulada de "Uma queima de bíblias no século XX". Apesar da repercussão, não existiu nenhum tipo de penalidade para nenhuma das partes, ambos prosseguiram seus embates através dos periódicos.

Considerações finais

Os embates ocorridos nesse período de um ano (setembro de 1902-setembro de 1903) mostram apenas uma pequena parcela desse processo de inserção do protestantismo no *campo* religioso e no *habitus* recifense. Essa inserção era vista com maus olhos pela Igreja Católica que, como "defesa" criou uma Liga Contra o protestantismo. A criação dessa Liga levantou vários debates entre protestantes e católicos que puderam ser vistos nos periódicos recifenses. Após as queimas de bíblias protestantes, ou também nomeadas de falsas, a liga se enfraqueceu e veio a acabar tempos depois.

Referências

BOANERGES, Ribeiro. **O protestantismo monárquico (1822-1888)**. São Paulo: Editora Pioneira, 1973.

BOISET, Jean. **História do Protestantismo**. Algés: Editora Difel, 1971.



BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Réponses**. Pour une Anthropologie Reflexive. Paris: Ed. Seuil, 1992. (Tradução de Eduardo Jorge Esperança, em http://home.dsoc.uevora.pt/~eje/reponses.htm, acesso 04-04-2019).

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até 1906.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962

EVEREY-CLAYTON, Joyce Winifred. **Um grão de mostarda**... Documentando os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana 1873-1998. Recife: IEP, 1998.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo Brasileiro:** estudo de eclesiologia e [de] história social. São Paulo: Editora Aste, 2002.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

OLIVEIRA, Edson Douglas de. **Um judeu batista no Brasil:** Relações entre protestantismo, Estado e Sociedade da Velha República com base na narrativa do missionário batista Salomão Ginsburg (1890-1909). Dissertação (Mestrado em história) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2017.

SANTANA, Jair Gomes de. **Embates da fé:** Católicos e protestantes no Recife, 1860-1880. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica de Pernambuco: 2007.

SANTOS, João Marcos Leitão. **A ordem social em crise.** A inserção do protestantismo em Pernambuco: 1860-1891. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008

SOUZA, José Roberto de. Relatos históricos do protestantismo brasileiro**:** A contribuição de Ashbel Green Simonton para o protestantismo de missão. **V Colóquio de história - Perspectivas históricas**, historiografias, pesquisa e patrimônio. 2011

VASCONCELOS, Micheline Reunax de. **Os nova-seitas:** a presença protestante na perspectiva de cordel – Pernambuco e paraíba (1893-1936). Dissertação (Mestrado em história) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo: 2005.

Jornais:
A província: Órgão do Partido liberal (1902-1903).

Jornal de Recife (1902-1903).



Diário de Pernambuco (1902-1903).